

A WEB, a Igreja e a Pastoral



Neste texto, daremos continuidade à reflexão iniciada no texto anterior. A partir da Filosofia da WEB 2.0 refletiremos sobre a utilização dos recursos tecnológicos pela Igreja e suas possíveis implicações na pastoral. Veremos que os dois fundamentos da WEB 2.0: a possibilidade de qualquer pessoa ser produtora de informação e/ou formação e a colaboratividade podem contribuir no agir pastoral e no modo de organizar a vida eclesial.

A Igreja, como uma instituição veiculadora de uma mensagem, construiu uma história de comunicação com as massas que, ainda hoje, é muito importante e motivo de estudo de diversos pesquisadores. Ao longo dos séculos, para anunciar o Evangelho, segundo o mandamento de Jesus, narrado em Mc 16, 15 e Mt 28,18, ela aparelhou-se de diversos meios para transmitir esta mensagem, tornando-se uma das principais formadoras de opinião, fato que perdura até os nossos dias. O advento da imprensa e a Reforma Protestante desencadearam a renovação e/ou o surgimento de outras instituições, também formadoras de opinião, as quais propagaram valores humanistas ligados à liberdade pessoal e a liberdade de consciência. Tais valores fundamentaram as grandes Revoluções do século XVIII e XIX que nações que progressivamente se distanciavam da Igreja. A Igreja, não podendo combater as novas ideias, assumiu uma posição de defesa e de negação da nova ordem social nos vários países e, especialmente a partir do século XIX, passou a incentivar o surgimento de uma imprensa católica para fazer frente à propagandas dos sistemas políticos contrários à suas orientações. Tal atitude só provocou o afastamento do mundo e conseqüente fechamento da Igreja. Somente na segunda metade do século XX através do Concílio Vaticano II, a Igreja começou a olhar com mais confiança para o mundo. No que diz respeito às Comunicações Sociais, o documento *Inter mirifica* representou uma palavra de abertura e reconhecimento que os novos meios

deviam ser utilizados pela Igreja em sua ação pastoral. A partir de então, a cada ano, o Pontifício Conselho das Comunicações Sociais tem lançado orientações para que a Igreja se envolva cada vez mais com as modernas tecnologias utilizadas na Comunicação Social. Com o advento da internet, a Igreja e, especialmente, o papa João Paulo II não se intimidaram diante das críticas a este moderno meio de comunicação, e o definiram como um dos muitos e novos areópagos (At 17,22-34), do qual a Igreja não pode se esquivar ([Redemptoris missio 37.c](#)).

Os dois argumentos da WEB 2.0, citados acima, têm muitas semelhanças com a eclesiologia do Vaticano II! Embora as decisões do Concílio Vaticano II (1962-1965) não tenham sido ainda plenamente assimiladas, ele marca a História da Igreja como uma importante mudança de paradigma eclesial: da passagem de uma Igreja como organização perfeita, modelo da sociedade, dividida entre Igreja docente e Igreja discente para uma Igreja como mistério de comunhão, a comunidade cristã – o povo de Deus - com dons e carismas diversos, na qual cada batizado é ministro do Evangelho.

Esta eclesiologia está fundamentada nos textos bíblicos que revelam a organização das primeiras comunidades cristãs; especialmente nos Atos dos Apóstolos e nas cartas paulinas, que se fundamentam nos relatos da prática de Jesus e da teologia trinitária. Em Atos dos Apóstolos, 6 vemos a idealização da comunidade cristã, apresentada *como sendo um só coração e uma só alma, na qual não havia necessitados*. São Paulo, a partir da narração da eucaristia (Mc 14,22-25, Mt 26, 26-29 Jo 6, 51-58 e Jo 15), chama a comunidade de Corpo de Cristo na qual há diversidade de carismas sem o predomínio de nenhum deles. Nestas passagens bíblicas vemos um modelo de Igreja que se apresenta como rede de comunidades, onde era priorizado a participação e a comunhão dos fiéis que se reuniam em torno da palavra e da eucaristia para o serviço aos pobres e para o anúncio do Reino. Foi, justamente, esta nova prática social que deu origem ao vocábulo que identificou, de forma pejorativa, os seguidores do Cristo como cristãos (cf. At 11,16). A rápida expansão das comunidades exigiu uma organização da Igreja fundamentada em redes de relacionamentos e ajuda mútua, acrescida da troca e/ou envio de missionários – sendo Paulo o mais importante deles - que encorajaram e ajudaram as comunidades a perseverar.

A eclesiologia do Vaticano II tenta resgatar a vocação da Igreja, como servidora e sinal do Reino no mundo, que deseja retomar e estreitar os laços com os diversos organismos sociais e religiosos para a promoção humana. Ela propõe uma organização eclesial baseada no mistério da comunhão dos diferentes, no qual todos os batizados são chamados a colaborar, dando origem à expressão “Igreja: Povo de Deus”. Nesta eclesiologia o destaque é o sacerdócio comum dos fiéis que nasce do sacramento do batismo, o qual estabelece a radical igualdade nos discípulos de Cristo, e que faz de cada cristão a pedra



sobre a qual está fundada a Igreja de Cristo. A vocação comunitária da Igreja é dom de Deus que chama homens e mulheres a viverem a mútua colaboração na construção do Reino, tal qual às três Pessoas da Santíssima Trindade: a comunidade perfeita, modelo de amor, de entrega, de unidade e de gratuidade. Deus, que poderia ter feito tudo sozinho, quis que o Reino fosse construído de forma colaborativa, quis precisar da humanidade, por isso a criou! Sendo assim, Comunidade, segundo o cristianismo, não é o agrupamento voluntário de cristãos em torno de um objetivo comum, mas uma vocação que se insere no mistério eucarístico que atualiza a presença de Jesus Cristo, como Sal e Luz no mundo.

No texto anterior, analisamos que a WEB tem uma motivação muito clara do que deseja e porque faz as opções que faz! O desejo de se manter no mercado justifica suas ações! Ora, ao tomarmos contato com esta realidade, não há como não estabelecer relações com a ação eclesial. Imediatamente refletimos que a motivação da Igreja, o Reino de Deus, deve exigir uma evangelização adequada aos desafios do mundo moderno. O comportamento de diversas empresas que veiculam e vendem recursos da WEB 2.0 se estabelece como um desafio à práticas eclesiais que, ainda, utilizam métodos pouco eficazes, e, muitas vezes, sem buscar formas de uma maior participação dos cristãos.

A WEB se configura como espaço aberto para que empresas anunciem e vendam seus produtos! A Igreja anuncia o Reino de Deus e mesmo assim, a cada dia, o catolicismo perde terreno para outras, e novas, religiões! Por que será que isso acontece? Que estratégias pastorais poderiam ser adotadas pelas comunidades para atrair mais e mais católicos? O que significa "Ide pelo mundo e pregai o Evangelho" nos dias atuais?

Vimos que a WEB concede a utilização de serviços sob a forma gratuita. Jesus foi aquele que não só anunciou o Reino, mas fez as pessoas experimentarem os sinais dele. Será que nossas comunidades não deveriam primar mais pela vivência solidária e afetiva, como sinais do Reino? Até que ponto, nossas paróquias e comunidades levam as pessoas a fazerem a experiência do Reino? Será que a pretensa gratuidade dos recursos da WEB não se configura como uma pista de ação para a Igreja? Vejamos: alguém só poderá conhecer um recurso da WEB através da experiência! Imaginemos uma destas grandes empresas, que ao criarem um novo recurso da WEB, se pusesse a tentar vendê-lo na esperança de que alguém o comprasse. Provavelmente, ela não venderia uma unidade sequer! Ao disponibilizar gratuitamente tais recursos, milhares e milhares de pessoas passam a conhecê-lo e, verificando a sua eficácia, fazem uso dele e anunciam que de fato ele é bom! Este fato, pode ser comparado com o texto conhecido como a parábola do semeador Mc

13, 4-17. A semente que deve ser lançada abundantemente! Um raciocínio lógico nos faz pensar que, quanto maior for o número de sementes lançadas, maior será a probabilidade de que muitas delas germinem. As empresas que disponibilizam contas gratuitas de emails, espaço na WEB para Comunidades Sociais não esperam que todos os usuários consumam seus produtos, mas espera que eles, ao verificarem a eficácia do serviço, se tornam os melhores propagandistas deles. Também nós devemos lançar muitas sementes!

O uso da WEB 2.0 na Evangelização – Uma estratégia Pastoral!

Vimos, no texto anterior, que a WEB 2.0 se pauta e se estrutura através do trabalho colaborativo. Ela chega a usar a expressão comunidade social para expressar a conveniência do trabalho em grupo ou em rede. Bem sabemos que a motivação da WEB 2.0 nem de longe possui a mesma essência que a motivação cristã. Todavia,



também, ela nos chama a atenção para algo que parece um tanto adormecido em muitas comunidades cristãs. Na WEB 2.0 o trabalho colaborativo se insere numa idéia de eficácia e de inteligência coletiva, pois a ação de uma empresa que converge todas as suas forças é uma estratégia de mercado com uma única finalidade: a de aumentar seus ganhos. Elas já descobriram que a centralização do poder e das decisões só impedem a rápida circulação de ideias, de bens e, conseqüentemente, de capital. Bem sabemos que a essência da Igreja é comunitária, muito embora, sabemos que em algumas comunidades há práticas centralizadoras que as impedem de se dedicar ao seu verdadeiro objetivo. A WEB 2.0 nos lembra a importância da interação e do trabalho de grupo. Na Igreja a colaboração é a base de uma eclesiologia participativa e comunitária.

Devido às suas características, a WEB 2.0, também tem sido vista como uma importante ferramenta para a formação formal, e informal, de pessoas. Como bem afirmou o documento [Internet e Igreja](#), a vida comunitária e sacramental é condição *sine qua non* para formar um cristão. Mas, a Igreja, como mestra que é, tem na formação uma de suas principais atividades evangelizadoras. Já vimos nos módulos anteriores que a Igreja poderia utilizar a WEB para formar católicos e organizar a vida da Igreja. Os vários recursos existentes tais como blogs, wikis, comunidades sociais, editores de textos on-line e tantos outros recursos tornariam a ação da Igreja altamente eficaz e atualizada. Além disso o mesmo documento afirma que também outros setores da vida eclesial seriam beneficiados pelo uso da internet, tais como: governo e administração e algumas formas de conselho pastoral e de direção espiritual. ([Internet e Igreja. 6](#))

No encontro dos bispos europeus de novembro de 2009, o arcebispo Claudio Maria Celli, denominou de "[diaconia da cultura](#)" o serviço que a Igreja deve prestar ao mundo ao anunciar o Evangelho através da rede mundial de computadores. Mas ela não poderá fazer isso somente através dos poucos profissionais que possui, o que seria classificado como uma forma muito limitada e tímida, além de onerosa. Ao indicar que na Europa [70% dos sites católicos não utilizam os recursos de produção interativa e comunitária](#), o arcebispo implicitamente aponta que a única forma da Igreja multiplicar sua presença na rede mundial de computadores será através dos recursos da WEB 2.0. Mas, como seria isto?

Colher informações e editá-las, se realizadas na forma tradicional da WEB, demanda muito trabalho e tempo, pois requer a presença de profissionais que as recebam, que as selecionem e que as editem. Isso emperra a produção de informações e possui um custo elevado. O pressuposto de que qualquer organismo e ou pessoa possa formar opinião através de blog, comunidade social, wiki e site sociais, faz a informação aumentar astronomicamente. Uma vez escolhido o recurso e tendo começado a produção de compartilhamento de informação, os vários espaços virtuais poderiam ser acessados através de links colocados no site de um organismo maior. Assim um site daria acesso a outras páginas com informações e notícias editadas por várias pessoas e organismos. Isso, não somente, seria uma forma de interatividade e produção, mas também um excelente exercício de comunhão eclesial, o que está implicitamente ligado a uma eclesiologia.

Fica claro que a utilização da Internet, segundo a WEB 2.0, exigiria mudanças na Igreja, as quais a fariam ser plenamente uma Igreja de comunhão e participação. Neste processo as pessoas se sentiriam mais responsáveis pela Igreja como participantes e não apenas como meras expectadoras do processo. Evidentemente que podemos nos perguntar pela ortodoxia do que for publicado, e isto deverá ser uma preocupação, mas não pode impedir o processo de veiculação da informação, e a própria WEB 2.0 criou mecanismos que permitem o controle do que foi editado antes de ser publicado.

Por fim, o documento *Igreja e Internet* aponta, também, que a interação na produção de informação, promovida pelos recursos da WEB 2.0, muito contribuiria para que os fiéis exercessem o direito de manifestar sua opinião na Igreja. Sendo de fundamental importância, citamos este texto na íntegra:

A Igreja também precisa compreender e usar a Internet como instrumento para comunicações internas. Isto exige que tenha claramente em vista a sua especial característica de instrumento de comunicação direta, imediata, interativa e participativa.

O caráter interativo e bilateral da Internet ofusca a antiga distinção entre aqueles que comunicam e os destinatários da comunicação, e da forma à uma situação em que, pelo menos potencialmente, cada um pode desempenhar ambas as funções. Já não se trata da comunicação unilateral e vertical do passado. Dado que um número cada vez maior de pessoas adquire familiaridade com esta característica da Internet em outros setores da sua vida, é provável que recorram à mesma também para aquilo que diz respeito à religião e à Igreja.

A tecnologia é nova, mas a ideia não. O Concílio Vaticano II afirmou que os membros da Igreja deveriam apresentar aos seus pastores «as suas necessidades e os seus desejos, com a liberdade e confiança próprias de filhos de Deus e irmãos em Cristo»; com efeito, em conformidade com o conhecimento, a competência ou a posição que ocupam, os fiéis não são apenas aptos, mas às vezes obrigados a «manifestar o seu parecer no que se refere ao bem da Igreja». A Instrução Pastoral [Communio et progressio](#) evidenciou o fato de que, como «corpo vivo», a Igreja «tem necessidade de uma opinião pública para alimentar o diálogo entre os seus membros». Embora as verdades da fé «não possam... ser deixadas à interpretação arbitrária», a mesma Instrução Pastoral observou que é «muito vasto o campo em que o diálogo, no interior da Igreja, se deve desenvolver». Ideias análogas são expressas pelo Código de Direito Canônico, assim como pelos documentos mais recentes do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais. A Instrução Pastoral *Aetatis novae* denomina a comunicação bilateral e a opinião pública como um «meio de realizar concretamente o caráter de *communio* da Igreja». De resto, também a Instrução Pastoral [Ética nos meios de comunicação social](#) declara: «Uma corrente bilateral de informação e de pontos de vista entre os pastores e os fiéis, a liberdade de expressão sensível ao bem-estar da comunidade e ao papel do Magistério na promoção do mesmo, e a opinião pública responsável constituem importantes expressões do “direito [fundamental] ao diálogo e à informação no seio da Igreja” (*Aetatis novae*, 10; cf. também [Communio et progressio](#), 12)». A Internet oferece um meio tecnológico efetivo para a realização desta visão.

Então, eis aqui um instrumento que pode ser posto criativamente em prática nos vários aspectos da administração e do governo. Além de abrir canais para a expressão da opinião pública, referimo-nos a atividades como a consulta dos especialistas, a preparação dos encontros e a prática da colaboração nas e entre as Igrejas particulares e os institutos religiosos a níveis local, nacional e internacional. ([Igreja e Internet. 6](#))

Uma breve palavra sobre a questão dos direitos autorais

A produção de livros, discos, partituras, manuais, documentos e livros de formação devem estar em função da evangelização. Não há como negar que as instituições que produzem estes materiais precisem vendê-los para se manterem, até porque a matéria prima é custa muito. Entretanto, de outro lado, estes altos custos impedem que estas “mercadorias” sejam difundidas e as comunidades possam ser beneficiadas. Os direitos autorais compartilhados parecem ser uma saída para divulgar e tornar tais obras mais acessíveis. Será que se as músicas litúrgicas estivessem disponíveis na internet, o número de comunidades beneficiadas não seria significativo? Nem seria necessário haver a possibilidade de se baixar os arquivos, bastaria acesso para ouvir, como é o caso do [Mosteiro de Taize](#) que disponibiliza parte de suas belas canções através de áudios na internet. É verdade que um programa pode captar e gravar as músicas, como também qualquer pessoa que possui os discos de Taize pode disponibilizar as músicas em formato digital, como há inclusive quem faça isso sem se preocupar com a legalidade de seu ato. Conforme já sinalizamos no texto anterior, há uma discussão bastante grande sobre isso, pois não é tão simples afirmar que copiar um arquivo da internet se mfins lucrativos seja uma contravenção. Haveremos de pensar no bem que isso poderia fazer às comunidades.

A mesma coisa diz respeito aos livros. Infelizmente a maioria dos livros católicos possuem os direitos reservados, o que impede que eles sejam copiados. Mas se eles são textos relacionados à pastoral, por que não podem estar disponíveis na internet para que as comunidades os utilizem? Por que não fazer como a Santa Sé que disponibiliza os seus documentos na internet? A finalidade daqueles textos não é divulgar o pensamento da Igreja? Por que barrar a difusão de material catequético através do formato digital? A CNBB tem disponibilizado grande parte de seus textos, mas, a livre utilização deles continua proibida. Compreendemos as dificuldades das editoras católicas e dos que vivem destas obras, mas o advento dos direitos compartilhados demonstra que é possível disponibilizar parcialmente livros na internet e ao mesmo tempo garantir que eles serão comprados por grande parte dos internautas, pelo simples fato de quererem possuir aquele livro!

Uma palavra de confiança sobre a WEB

É inegável que a pessoa do papa João Paulo II marcou a Igreja e, também, as Comunicações Sociais. Ele foi um homem que usou de todos os meios para levar a mensagem da Igreja. A fotografia dele diante de um computador é emblemática. Não importa discutir se ele realmente usava o computador e a Internet, mas ela revela o momento crucial em que a Igreja se coloca diante deste aparelho para usá-lo como um meio de evangelização. São Paulo é considerado por muitos como o precursor da formação a distância quando enviava cartas pastorais às comunidades. Esta foi a forma que o apóstolo encontrou para se fazer presente nas comunidades. A foto representa a percepção de que os recursos digitais são atualmente poderosos meios para Evangelizar.



João Paulo II iniciou seu pontificado com a frase "Não tenhais medo". Diante da Internet que ainda parece, para muitos, um espaço de perdição – e de fato, ela pode ser! Mas, será que muitas vezes não nos comportamos como os empregados da parábola do joio que desejam arrancá-los e Jesus diz para deixar um pouco mais para depois separar o joio do trigo e só então lançar o joio no fogo (Mt. 13, 24-30), ou ainda, os discípulos que pedem a Jesus para que ele impeça os que pregam sem fazer parte do grupo dele, ao que Jesus diz: "se não é contra nós, é a nosso favor" (Mc 9,38). A internet, como um espaço livre e aberto, recebe todos os dias milhares e milhares de arquivos. Dentre estes há muita coisa

boa ligada à promoção humana, à religião e à educação. É verdade que nem todos os textos são ortodoxos - e isso também se configura como um problema para a Igreja, pois qualquer pessoa pode publicar arquivos na WEB em nome da Igreja. De outro lado, considerando que o número de arquivos disponíveis pela Igreja na rede mundial de computadores ainda seja insignificante, que mal farão?

Jesus pediu a seus discípulos que não tivessem medo (Mateus 8:23-27)! Ocupemos este espaço virtual da melhor forma possível, e sem receio, para anunciar o Deus vivo e verdadeiro.

Para concluir, pensemos em duas frases que foram destacadas nos dois últimos módulos.

"Possam as poucas gotas de orvalho que depositamos sobre a imensa rede virtual serem transfiguradas, diante dos olhos de todos, em rios de diamante!" [D.J.M.di Falco](#)

"Se eu tenho uma maçã e você tem outra, podemos trocá-las. Você continuará tendo uma maçã e eu continuarei tendo, também, uma maçã. Porém, se eu tiver uma ideia e você tiver uma outra ideia. Poderemos trocá-las, e cada um de nós terá duas ideias" - [George Bernard Shaw](#)

Texto produzido para o módulo IV do curso on-line "A WEB e a Evangelização" do Ambiente Virtual de Formação da Arquidiocese de Campinas.